

POR ONDE ANDA A IGREJA CATÓLICA PÓS- CONCILIAR PARA ADOLESCENTES E JOVENS?

*Maristela Ferreira Silva Velozo**

Resumo: Com a pergunta: “Por onde anda a Igreja Católica pós-conciliar para adolescentes e jovens”, queremos refletir sobre a missão evangelizadora eclesial católica, direcionada principalmente à clientela dos 14 aos 25 anos. Refletir a juventude, caracterizando os seus momentos de adolescente e jovem, é pensar num período de mudanças significantes da vida humana. Ao refletir a caracterização religiosa do adolescente e do jovem questionamos os desafios das referências históricas teóricas-ideológicas-religiosas e dos espaços de cidadania, sentido da vida e aspectos fundamentais religiosos como meios para resgatarmos a perda de afetividades tradicionais socializadoras dessa juventude, tais como: Família, Escola, Igreja e Sociedade. Cabe-nos concluir que um dos grandes desafios é apresentar uma Igreja mais missionária que se aproxime mais dessa juventude e que possa fazê-la encantar-se por Jesus Cristo, vivenciando uma bonita experiência comunitária.

Palavras-chave: Adolescentes; Concílio Vaticano II; Desafios; Jovens; Mudanças.

Abstract: With the question “What is the perspective of the post-concilium Catholic Church for adolescents and youth “we hope to reflect about the Catholic ecclesiastical evangelization mission, directed principally toward the 14 to 25 year old group. To think about youth is to reflect about a period of significant changes in human life. A religious characterization of youth includes the challenges it faces, historical, theoretical, ideological and religious references and spaces of citizenship, life meaning and fundamental religious aspects. These must be used as means to recuperate traditional social and affective bonds such as family, school, church and society. One of the main challenges is to present a more missionary Church which is closer to youth and can attract it to Jesus Christ by means of dynamic community experiences.

Key words: Adolescents; Second Vatican Council; Challenges; Youth; Changes.

Não é nossa pretensão trazer à tona, em tão pouco espaço de tempo, a situação atual da Igreja Católica pós-conciliar, até porque o assunto é por demais complexo e desafiador. Poderíamos, no entanto, elencar algumas considerações, que nos permitirão refletir sobre a missão evangelizadora eclesial católica, na qual o acolhimento e o dinamismo devam fazer parte da dimensão pastoral, direcionada principalmente para os adolescentes e para os jovens. Com certeza, é com a modernidade e a pós-modernidade que a grande problemática religiosa atinge e desafia “Igreja e Jovens” para um momento de transformação e de fortalecimento religioso.

Iniciemos nossa reflexão lembrando o Concílio Vaticano II – um acontecimento mundial que marcou a Igreja. É um novo momento da Teologia Católica, caracterizado principalmente pelos estudos das Escrituras, pela atitude ecumênica e por um profundo senso de missão. “O Vaticano II quis ser um Concílio Pastoral...; um Concílio Ecumênico...; um Concílio Doutrinário...; quis ensinar autenticamente, isto é: com autoridade divina...”. (Kloppenburger, 1968). Expressa-se, portanto, a Igreja pós-conciliar com abertura a novas tendências que caracterizam o mundo religioso. Em referência ao Brasil, dizer dessas mudanças, depois do Vaticano II, é detectar traços significativos dessa nova época da Igreja, já expressos desde 1986, no Documento 45: Estudos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) “Leigos e participação na Igreja”, 1986, quando afirma:

A Igreja no Brasil mudou de lugar social. Com isso quer-se dizer que o contexto dentro do qual a Igreja se situa, a partir do qual ela se compreende a si mesma e a sua missão, e é reconhecida na sociedade, mudou visivelmente de 20 anos para cá. Mudou a sua relação com o Estado e com o Sistema Social vigente. Houve, como consequência, mudança na imagem que ela própria faz de si mesma, na sua auto-compreensão (p.17).

Daí percebe-se não mais vinte (20) anos de mudanças, mas exatamente quarenta (40) anos de tal afirmação que fez refletir uma Igreja, quando fiel a Jesus Cristo, respondendo evangelicamente ao

povo, que vive e evidencia os desafios da pós-modernidade, onde tudo e qualquer coisa leva a “mudanças”.

Segundo o IBGE, Censo 2000, a população brasileira é de quase 170 milhões de habitantes. A população é dez vezes maior que a existente no país em 1900. A população entre 0 a 19 anos, neste novo século, chegou a mais de 68 milhões de crianças e jovens. Apesar da grande diversidade religiosa do Brasil, a religião Católica Apostólica Romana ainda é a maioria declarada pela população (73,6%).

É justamente nesse momento que nos cabe refletir sobre a juventude, caracterizando os seus momentos de adolescente e de jovem. No entanto, refletir sobre “Adolescência” e “Juventude” é pensar num período de mudanças significantes da vida humana, no qual o emocional, o amadurecimento sexual, o corpo, os interesses, as funções sociais e o sistema de valores vão mostrar todo um processo evolutivo de possibilidades e de realidades.

“Etimologicamente, a palavra adolescência vem do verbo latino *adolescere*, que significa crescer ou desenvolver-se até a maturidade” (ROSA, 1985, p. 43). Antes, o termo foi definido apenas em função dos aspectos biológicos; com o mundo moderno, o conceito passou a ter uma conotação psicossocial. “Adolescência é um conceito psicossocial. Representa uma fase crítica, no processo evolutivo, em que o indivíduo é chamado a fazer importantes ajustamentos de ordem pessoal e de ordem social” (ROSA, 1985, p. 44).

Para compreender, embora sucintamente, o desenvolvimento do conhecimento religioso do adolescente e do jovem inclui-se Piaget, especialista em Psicologia Evolutiva e Epistemologia Genética, Filósofo e Educador que contribui significativamente para o estudo da religiosidade humana ao abordar o desenvolvimento intelectual da criança. Segundo Piaget, “a pessoa passa por 4 estágios de desenvolvimento psíquico bem delineados com funções afetivas, de conhecimento e de representações definidas, mas interdependentes e progressivas” (LIBÓRIO, 2005).

A nós, nos basta citar o Estágio ou fase das operações abstratas ou formais: operatório-formal (11-13 anos e mais). O essencial dessa fase é a capacidade de distinguir entre o concreto (real) e o possível, podendo prever e avaliar o que poderia acontecer no futuro. A adolescência (14-18) e juventude (18-25) ainda estão muito influenciadas pelas emoções e sentimentos, mas seu pensamento está se libertando do concreto, orientando-se para o futuro. Piaget assim conclui sua fala sobre o pensamento do adolescente, na fase formal:

[...] as aquisições afetivas fundamentais da adolescência são paralelas às suas aquisições intelectuais. Para poder compreender o papel das estruturas formais no pensamento, na vida do adolescente, precisamos finalmente inseri-las na sua personalidade total. Mas, de outro lado, não compreenderíamos inteiramente a formação dessa personalidade sem aí englobar também as transformações do pensamento e, conseqüentemente, a construção das estruturas formais (Piaget, 1976).

Em síntese abaixo, assim está definida, essa 4ª fase: Operatório-formal (11-13 anos e mais) do desenvolvimento intelectual global:

Adolescente (11 – 17 anos)

- Conflitualidade entre o pensamento religioso e os novos conhecimentos científicos adquiridos.
- Percepção da falta de coerência entre as teses religiosas transmitidas pela catequese e pela escola com os novos conhecimentos científicos do mundo e de sua própria religiosidade.
- Desenvolvimento de uma certa relativização do pensamento religioso, conseqüência da maturação cognitiva e dos novos conhecimentos adquiridos.
- A religião não é a única resposta mas uma das respostas aos problemas do mundo.
- Tomada de consciência da disfuncionalidade da religiosidade infantil precedente.

- Revisão das próprias concepções de acordo com os próprios esquemas mentais e as novas convicções adquiridas.

- Reavaliação da própria adesão ao credo religioso em vista de uma impostação diferente.

- Possibilidade de evoluir para uma religiosidade mais madura, desenraizando-se dos resíduos infantis.

- Aos 14 anos, começa a desaparecer a concepção material de Deus para o conceito personalizado e experiencial de Deus; Deus – o pai ideal.

- A religião serve como fator de integração da personalidade em função dos processos de maturação.

Jovem (18-25 anos)

- O relacionamento pessoal com Deus varia de acordo com os momentos fortes da adolescência e independe de sua prática religiosa.

- A religiosidade vai responder aos impulsos interiores ou centrar-se na percepção de Deus e responde às expectativas individuais do adolescente.

- Repercussão do fenômeno religioso da “personalização” no próprio comportamento: relação consigo mesmo e com os outros.

- Privilegia os valores e assume modelos partilhados.

- Ativa dentro de si o senso de respeito e de obediência àquilo que vem de Deus e garante “segurança pessoal”, principalmente se inserido num grupo de amigos, amadurecendo o afastamento do núcleo familiar.

- No homem (juvenil), Deus é concebido como pessoa que age e se mescla no próprio mundo do jovem.

- Também se mostram mais sensíveis às conseqüências.

- Na mulher (juvenil), sensibilidade ao relacionamento pessoal e intimista com Deus.

- Deus é percebido por ela como alguém que oferece proteção e consolação.

- As jovens têm mais medo da morte porque causa a perda da própria identidade.

- A fé, tanto de um como de outro, está ligada à religiosidade infantil e não há ainda uma fé precisa.

- A vivência do credo que professam concentra-se nas vivências imediatas e intensas.

Eis assim a caracterização religiosa do adolescente e do jovem numa realidade pós-moderna, segundo Libânio (2004), onde a ética e a religião já não orientam a tradição religiosa dessa sociedade. Novos movimentos eclesiais fundamentalistas propõem aos jovens novas ofertas aos seus anseios e buscas. A insegurança e o fanatismo os levam ao entrosamento na nova práxis religiosa que, na maioria das vezes, os alicia e os trata com rigor. Enfrentar os desafios da modernidade e pós-modernidade tem sido para os jovens a grande problemática religiosa. Ao nível do cristianismo católico, a PJ (Pastoral da Juventude) tem sido destaque em reunir jovens com objetivos afins. É necessário, no entanto, um trabalho pedagógico, cada vez mais atualizado, frente aos desafios modernos e pós-modernos, principalmente, no que diz respeito aos grupos fundamentalistas que “dizem” proteger os jovens.

As dificuldades e inseguranças da própria confusão cognitivo-afetiva da fase “adolescencial”, leva os adolescentes ao afastamento das práticas religiosas. Tanto aqueles jovens que são religiosos praticantes, quanto aqueles outros que estão de fora, necessitam de cuidados especiais seja na razão seja a partir da fé. A origem de cada crise religiosa difere entre eles, seja de natureza intelectual seja afetiva. Necessário se faz ajudar o jovem pelo esclarecimento e pelo apoio para que ele possa vivenciar a capacidade de experiência plural e diferente. Refletindo as linhas de ação no trabalho com a juventude observar-se-á claramente os lugares da educação dos jovens e as propostas positivas para adolescentes e jovens.

As considerações sócio-culturais e pastorais, segundo Libânio em “Jovens em Tempo de Pós-Modernidade” (2004), foram escritas para jovens e para quem com eles trabalham, a fim de ajudar a Pastoral da Juventude (PJ), na perspectiva pastoral-educativa, entendendo-se a PJ no sentido mais amplo do termo, ou

seja, toda presença ativa de jovens, ligados à Igreja de maneira consciente, seja em atividade no seu interior, seja fora, na sociedade. É na PJ que o jovem encontra o espaço de acompanhamento e de orientação para seus problemas existenciais. No entanto, isso não deve ser feito retirando-os dos outros espaços da vida, tais como: a Família, a Escola, Grupos de Jovens, Igreja, Sociedade, Trabalho e Relações Sociais. Cabe à Pastoral da Juventude, portanto, oferecer ao Jovem o duplo movimento da “distância e da inserção”, fazendo-o afastar-se para a reflexão crítica à luz da fé (distância) e trazendo-o de volta com ânimo e clareza (inserção).

O texto trata daquele jovem, dos 14 aos 25 anos, na fase da adolescência e início da idade adulta, que é marcado pela sociedade, nos âmbitos econômico, político e, sobretudo, cultural. Esse jovem, por ser uma construção social, assimila esses elementos numa relação interativa. A partir do texto, sintetizaremos, assim, o impasse pastoral em cada lugar: Família – Escola – Pastoral da Juventude – Sociedade, Trabalho, Relações Sociais e as soluções afins.

Em primeiro lugar: FAMÍLIA.

Está aí, na família, o espaço de influência benéfica e maléfica do jovem. Na benéfica, ele aprende o respeito mútuo, que é a condição fundamental ao convívio social. Eis o ensino: comportar-se, tratar bem e ser bem educado. É a família o lugar do aprendizado primeiro da urbanidade, manifestada no respeito ao outro. É também aí, na família, que cada um aprende a permanecer no seu lugar e quando embaralham-se os papéis a educação está deformada. Nem os pais devem ocupar o lugar dos filhos, nem os filhos o lugar dos pais. O ponto de referência da boa formação é o lugar de cada um e a ocupação certa desse lugar, no respeito, na autoridade e na segurança. A cultura moderna e pós-moderna nos tem apresentado modelos educativos de “igual pra igual” onde os papéis se invertem, as hierarquias se deformam. A família que sabe e consegue educar para a autonomia, alimenta as relações de

reciprocidade e constrói a família diferente, aquela que confia e aposta no seu espaço.

Em segundo lugar: ESCOLA.

É a escola que mantém a força coativa. Frequência, êxito, reprovação, aprendizado e tantos outros assuntos escolares e de valores humanos são totalmente alheios ao seu verdadeiro significado. Aquelas instituições tradicionais continuam vivas e não favorecem ao processo de maturidade dos jovens. A escola reproduz submissão e um respeito à hierarquia com forte pressão social. Ela, a escola, é aquela que afeta todas as fibras da vida dos jovens, de maneira vertical. No autoritarismo da escola, o espírito de solidariedade e cooperação juvenil tornam-se hostis. Os seus valores comportamentais, enquanto alunos, são interpretados erradamente pelos professores, alienando-os por completo.

Oferecer oportunidades iguais, desenvolvendo os jovens na sua integralidade; permitir nascer grupos de protestos; suscitar nos jovens, pelos estudos, as perguntas fundamentais da existência além dos conhecimentos; reativar a consciência cívica, política e histórica da juventude; resgatar valores, verdades, regras e normas sociais, discernindo-os para o entusiasmo e para as motivações do bem viver pelas causas humanitárias e libertárias são esses, entre muitos outros os passos iniciantes para o amadurecimento do jovem para a realidade em que eles vivem.

A partir dessa temática de estudos, necessárias se fazem as mudanças, na concepção do conhecimento e na maneira de como adquirir saber nos dias de hoje. Devem-se manter as formas tradicionais de aprendizado ou se experimenta cultivar outras? Em questão está a qualidade pedagógica do ensino. Reflete-se também: o que se quer com o ensino. Competência humana ou aprender o pensar, o conviver, o fazer, o ser?

Em sua seqüência reflexiva, Libânio apresenta ainda dois pilares para discussão: aprender a discernir a vontade de Deus na vida e aprender a amar. Ao pensar o aluno a partir do seu próprio pensamento, já pode encontrar ele mesmo a solução do problema,

pelos conhecimentos que ele mesmo possui. Aprender a pensar na vida é rever: o conhecimento é tradicional (pensamentos e ensinamentos são anteriores); o conhecimento cria-se (o ser humano inventa).

Em continuidade à reflexão sobre a influência e participação dos lugares na educação dos jovens estão Pastoral da Juventude, Grupo de Jovens e Igreja.

É com a multiplicidade de tipos de grupos de jovens que se tem um instrumento privilegiado para a Pastoral da Juventude. Esses grupos tanto vinculam-se às paróquias (na maioria das vezes a partir da preparação ao Sacramento do Crisma), como também vinculam-se a um tipo de movimento ou a uma pessoa (adulto) que possui o carisma de aglutinar jovens. Esses grupos diferem entre si e descontrolam o ideal da PJ, que carece de transformação para o seu agir. A Pastoral da Juventude na Igreja vai além da constituição de grupos. Os jovens pastoralmente se fazem presentes nos grupos dos acólitos, dos leigos, da liturgia, da acolhida, do coral, dos catequistas, dos monitores de crismandos, como atuantes nos cursos teológicos e participantes das atividades sociais.

Outros grandes grupos de atuação abertos aos jovens são o amor, o trabalho e o convívio social. Tratam da Sociedade-Trabalho- Relações Sociais. Tanto a PJ quanto a educação amadurecem essas realidades na ajuda aos jovens. Amor significa vida e deve ser iniciado bem cedo para seu maior sucesso. O amor é complexo porque só se dá a dois, ou seja entre duas pessoas. Tudo inicia-se no amor fundante (da mãe, do pai, da família etc).

Segundo Libânio, são três os níveis na educação do amor e para o amor:

- O amor é falta (satisfaz o vazio). É o amor Eros que envolve a totalidade do ser e quer a presença física da outra pessoa. É o completar-se e realizar-se com alguém que se deseja.

- O amor avança para uma relação nova (o sentimento de alegria se faz presente pela presença da amizade que acontece inesperadamente). O prazer do encontro se dá na gratuidade radical, esse amor se espalha em

Deus. Cabe à PJ também resgatar o sentido do amor, tão desgastado nesses dias entre jovens.

- O amor não se aprende nos livros (refleti-lo a partir de uma boa literatura é reaproximar-se da realidade do seu conceito significativo). Conscientizar-se da realidade do amor é abrir as portas para a sua verdadeira vivência. Discernir criticamente e com veracidade sobre as experiências realizadas com amor é o grande avanço para a duração e continuidade dos atos de amor.

Em se tratando do aprendizado ao trabalho, nota-se a face positiva na vida do jovem: marco de referência para identidade pessoal e social; inserção na classe social; possibilita-se existência e desenvolvimento; e finalmente socializa-o. Paralelamente, com o sistema explorador aparece a outra face do trabalho, na vida do jovem: submissão, controle, alienação, ociosidade, desgaste e a inutilidade. Competir se torna tão forte e necessário que maneiras diferentes e perigosas fazem o jovem tornar totalmente frio e insensato. Cabe à PJ, portanto, aprofundando questões, também como essas, esclarecer melhor a atividade realizadora do ser humano, à partir da juventude.

Finalmente, tratando-se do aprendizado para o convívio social, desperta-se à influência do mundo dos relacionamentos, da emocionalidade, da afetividade e não somente do mero conhecimento. As qualidades de convivência perpassam a competência científica, teórica ou técnica. O grande desafio é levar o jovem a aprender a conviver. É a partir dessa convivência que se inicia o combate à violência. Com a Pastoral da Juventude, pode-se direcionar o espírito de solidariedade e provocar nos jovens as motivações pela busca concreta do sentimento da convivência na sociedade.

Cabe-nos concluir com as reflexões acontecidas no evento em Itaici-SP, na Assembléia Geral da CNBB, neste mês de maio, na qual Dom Cláudio Hummes apontou a necessidade de a Igreja ser mais missionária e se aproximar principalmente dos jovens. O tema central que reúne os bispos, em Itaici, é justamente a evangelização da juventude. “Ainda estamos muito longe de chegar

até os jovens nesta cultura pós-moderna, consumista, com uma atenção especial aos jovens que vivem nas periferias”, disse ele.

Segundo o arcebispo de São Paulo, “é necessário sermos missionários. Que os jovens se encantem por Jesus Cristo. É preciso ir até eles. A partir do encontro com Jesus Cristo é que eles se tornam missionários. Esta dinâmica é que queremos em toda a América Latina”. “Precisamos aumentar o espaço para que os jovens tenham vez e voz dentro da Igreja”, afirmou.

Ao ser questionado sobre o perfil do jovem cristão, outro prelado participante da entrevista coletiva, Dom Geraldo Lyrio, arcebispo de Vitória da Conquista (BA), disse que é o próprio jovem que vai traçando seu perfil, seguindo alguns passos: “empolgação por Jesus Cristo, numa bonita experiência comunitária. Não é um perfil estereótipo. Ele é que deve descobrir o seu perfil”. (Fonte: Zenit)

E, enfim, respondamos novamente à pergunta: Por onde anda a Igreja Católica pós-conciliar para adolescentes e jovens?

Referências

AMAI-VOS. Disponível em <http://amaivos.uol.com.br>. Acesso em 17 de maio de 2006.

CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações sociais. **Mobilidade religiosa no Brasil – 2005**. Disponível: <http://www.ceris.org.br>. Acesso em 31 de janeiro de 2006.

DADOS DE RELIGIÃO. Censo Demográfico 2000. Religião IBGE. Disponível em <<http://www2.ceris.org.br/estatistica/religioibge>>. Acesso em 17/01/2006.

ESTUDOS DA CNBB. **Documento 45**. 1986, Leigos e participação da Igreja.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Vozes, 1968.720 p.

LIBÂNIO, J. B. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações sócio-culturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004. 242 p.

LIBÓRIO, Luiz Alencar. **A existência humana e a dimensão psico-religiosa**. Recife, 2005. Mimeo. 110 p.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **Da lógica da criança à lógica do adolescente**: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais. Trad.de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1976. 260 p.
ROSA, Merval. **Psicologia evolutiva**. Petrópolis: Vozes, 1985.134 p.

**Maristela Ferreira Silva Velozo*
Mestranda em Ciências da Religião, pela UNICAP.

Endereço para contato:

e-mail: maristelabvelozo@yahoo.com.br